



SOBRE O AUTOR

LASAR SEGALL (1891-1957)

Lasar Segall (Fig. 1) nasceu na cidade de Vilna (Vilnius), capital da Lituânia, em 1891. Filho de Abel Segall, um escriba de Torá, e de Esther Ghodes Segall, era o caçula de oito filhos. Desde cedo auxiliava o pai na preparação dos pergaminhos usados para a cópia dos textos sagrados judaicos. Em dado momento, foi autorizado a decorar as letras maiúsculas que iniciam o texto. Começou seus estudos de desenho com o escultor Mark Antokolsky, em Vilna. Como era de família pobre e judia, seus estudos ficaram comprometidos. Além disso, aos 15 anos, aproximava-se o período de conscrição militar, que o prenderia na Lituânia por, pelo menos, mais três anos. Por todos esses fatores, decide então emigrar para a Europa Ocidental (D’HORTA, 1984).

Segall deixa a Lituânia em 1906. Seu destino preferencial é Paris, mas decide permanecer em Berlim. Estuda por alguns meses na Escola de Artes Aplicadas. No ano seguinte, 1907, altera a data de nascimento para ingressar na Academia de Belas Artes de Berlim, onde recebia uma bolsa de estudos. Apesar da excelente estrutura da instituição, Segall procura outros ambientes para pintar e expor. Em 1909, trava contato com Max Liebermann e o movimento secessionista de Berlim. Recebe um prêmio na exposição secessionista e abandona a Academia. Apesar de considerar a experiência berlinense encorajadora, Segall ainda procura uma linguagem compatível com suas aspirações. “Essa nova linguagem [...] iria eu encontrá-la no Expressionismo” (D’HORTA, 1984, p. 44).

Em 1910, Segall viaja para Dresden e se engaja na Academia de Belas Artes da cidade. Torna-se aluno de Gotthard Kühn, que lhe toma como uma espécie de monitor (*meisterschüler*). Em Dresden, Segall também trava contato com o movimento vanguardista A Ponte, fazendo amizade com artistas importantes como Otto Dix, Kurt Schwitters e George Grosz. Essa experiência marca uma virada importante no seu estilo. Segall é um artista ávido por novas experiências, e isso lhe impulsiona para empreender uma nova viagem. Aproveitando que a irmã Luba emigrou para o Brasil, Segall parte para São Paulo em fins de 1912 (D’HORTA, 1984).



Figura 1

LASAR SEGALL, c. 1957

Fotografia

São Paulo: Museu Lasar Segall (BR)

Nessa época, Luba já era casada com um Klabin. É ela quem financia a viagem de Segall e o instala como hóspede na casa de Maurício e Berta Klabin, pais de Jenny, sua futura esposa. No Brasil, Segall é apresentado a diversas figuras importantes da cultura paulistana. A mais importante delas é o senador José de Freitas Valle, mecenas e poeta amador. Sua residência, a Vila Kyrial, era o ponto de encontro semanal da intelectualidade paulistana. O senador Freitas Valle se impressiona com os trabalhos que Segall trouxe da Alemanha de tal forma que resolve organizar uma exposição do material. Ela se realiza no dia 1º de março de 1913. Os jornais registram a presença das mais importantes famílias paulistanas, além dos artistas Antônio Parreiras, Benedito Calixto e Freitas Junior (D'HORTA, 1984).

A exposição de 1913 é considerada um sucesso de público e crítica, muito embora a vida cultural paulistana desse início de século fosse absolutamente restrita e elitista. Oswald de Andrade relata bem o público de arte paulistano: “Homens do futuro, homens do passado, políticos, intelectuais e pseudo-intelectuais, estrangeiros, nativos, bolsistas da Europa, toda uma fauna sem bússola em torno da gota anfitriã do senador poeta” (D'HORTA, 1984, p. 53). Segall também expõe em Campinas, em junho de 1913, e depois volta para a Alemanha (D'HORTA, 1984).

A Alemanha já vive a expectativa da 1ª Guerra Mundial, quando Segall retorna para Dresden. Com a guerra deflagrada, russos expatriados em Dresden são evacuados para Meissen. Há certa confusão se Segall passou por algum campo de prisioneiros, mas Margarete, sua primeira esposa, atesta que ambos não sofreram qualquer retaliação pelo fato de serem russos e judeus. Em 1916, participou de uma exposição expressionista que contou também com obras de Oscar Kokoschka e Egon Schiele. Entre 1917 e 1918, viaja para visitar os pais em Vilna. Em 1919, forma-se o Grupo Secessionista de Dresden - 1919, com Segall, Dix e outros artistas. O grupo produz e expõe conjuntamente até 1923, quando há uma debandada de artistas, procurando novas oportunidades. Segall, novamente, prepara-se para vir ao Brasil (D'HORTA, 1984).

Segall chega com Margarete ao Brasil em meados de 1923. É novamente acolhido pela irmã e pela família Klabin. Um irmão, Oscar, também se encontra no Brasil, emigrado dos EUA. É dele que Segall aluga a casa onde moram. A chegada de Segall causa novo furor no círculo modernista paulistano, sendo Mário de Andrade seu principal defensor. Apesar da vida modesta, Segall recebe artistas, intelectuais e estudantes em sua casa. É um período de intensa produção. Recebe a encomenda de decorar um pavilhão inteiro da nova residência de Olívia Guedes Penteadó, matriarca da arte moderna paulistana. Faz também conferências na Villa Kyrial, do senador Freitas Valle, onde apresenta, em primeira mão para o público brasileiro, *O Espiritual na Arte*, de Kandinsky, e o pensamento de Wilhelm Worringer (D'HORTA, 1984).

Em 1924, estoura em São Paulo uma revolta tenentista, que se opõe ao governo federal. Essa revolta não dura mais que umas semanas, mas deixa a cidade de São Paulo sitiada. Margarete não consegue se adaptar à vida na capital paulista e decide que quer voltar para a Alemanha. Segall não tem interesse nisso, preferindo a vida mais tranquila no Brasil. O casal decide então se separar. Em 1925, Segall se naturaliza brasileiro e casa-se com Jenny Klabin. Em lua de mel no interior, Segall desenha e pinta com intensidade. É dessa estada que surgem suas primeiras obras da fase brasileira. Nesse mesmo período viaja para Berlim e finaliza o divórcio com Margarete. Visita os amigos alemães e expõe seus novos trabalhos. Maurício, o primeiro filho, nasce logo em seguida (D'HORTA, 1984).

Segall retorna ao Brasil em 1927. É desse período o seu *Retrato de Mário de Andrade*. Em 1928 viaja novamente e reside em Paris até 1932. Nasce Oscar, o segundo filho. Retornando da Europa, constrói a sua casa/ateliê na Rua Afonso Celso, a partir do projeto do amigo e arquiteto Gregori Warchavchik – que se tornaria seu concunhado a partir do seu casamento com Mina Klabin, irmã de Jenny. É nessa casa que funciona o atual Museu Lasar Segall. A vida no Brasil é, de certa forma, recompensadora. Segall possui muito prestígio com o público e com a crítica, e o casamento com Jenny lhe dá segurança material para não depender somente da venda de seus quadros (D'HORTA, 1984).

Em 1932 irrompe a Revolução Constitucionalista, um movimento paulistano que visava a deposição de Getúlio Vargas e a instauração de uma nova assembleia constituinte. A guerra dura quatro meses e resulta na derrota dos paulistanos, a um custo de quase duas mil vidas. A guerra não afeta a rotina da família Segall, mas os efeitos do imediato pós-guerra fazem-se sentir, pois a derrota desarticula os círculos intelectuais e artísticos do estado. Cria-se então a SPAM – Sociedade Pró-Arte Moderna – iniciativa que visa reaproximar os artistas entre si e fomentar a Arte Moderna para o grande público. Segall será parte integral na formação e consolidação da SPAM até o fim de suas atividades, em 1935 (D'HORTA, 1984).

Segall também expõe bastante no período entre guerras, não somente no Brasil mas também na França e nos EUA. Participa da I e da III Bienal de Arte moderna de São Paulo, como convidado de honra, ocupando uma sala exclusiva com suas obras. Em 1955, um filme sobre sua vida e obra é produzido e exibido em Cannes e Berlim. Morre no dia 2 de agosto de 1957, aos 66 anos. Em 1958, com patrocínio do Ministério de Relações Exteriores, uma sala dedicada à sua obra é montada na XXIX Bienal de Veneza. Em 1973, inaugura-se oficialmente o Museu Lasar Segall, tendo seu filho, Maurício, como primeiro presidente (D’HORTA, 1984).

LUCY NA REDE DA COLEÇÃO EVA KLABIN

Logo no corredor de entrada da Casa Museu Eva Klabin encontra-se a obra *Lucy na rede* (Fig. 2), de Lasar Segall, uma de duas obras modernas, da primeira metade do século XX, em exibição na Casa Museu. Dada à proximidade entre os Segall e os Klabin, e sendo Eva uma ativa colecionadora de obras de arte, a presença de uma

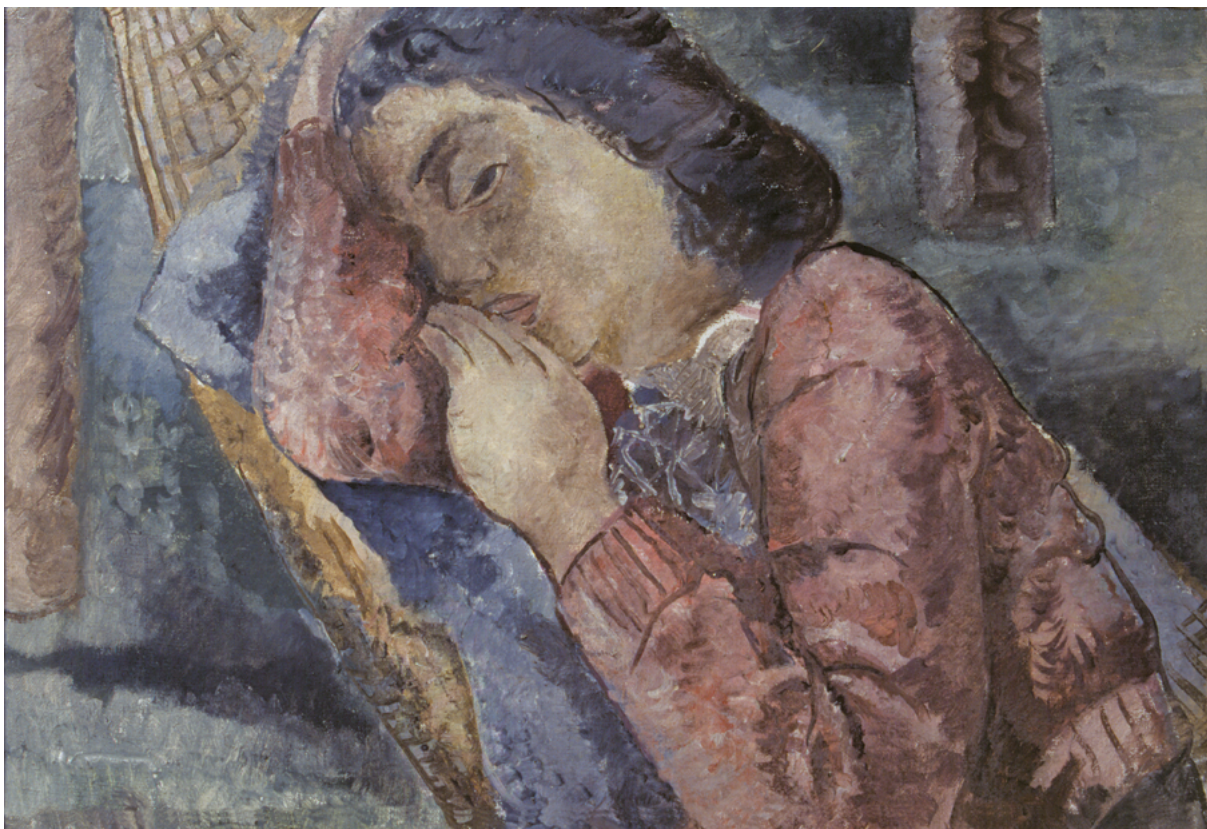
Figura 2

LASAR SEGALL (1891-1957)

Lucy na rede, c. 1940

Óleo sobre tela

Rio de Janeiro: Casa Museu Eva Klabin (BR)



tela de Segall em sua coleção não é surpreendente. O que chama a atenção é o entorno no qual a tela se encontra: ao redor de móveis do gótico francês e de tocheiros de procissão do período colonial brasileiro, a entrada da CMEK reflete o ecletismo que compõe os ambientes do museu, todos influenciados ao gosto de Eva Klabin.

Lucy Citti Ferreira era paulistana, nascida no ano de 1911. Passou a infância e a adolescência na Europa, onde iniciou seus estudos artísticos. Frequentou a Escola de Belas Artes de Havre e também o ateliê de André Chapuy. Entre 1932 e 1934, passa pela Escola Nacional de Belas Artes francesa, estudando com Fernand Sabatté e Armand Martial. Retorna ao Brasil em 1935, estabelecendo um ateliê na rua Martinico Prado, no bairro de Higienópolis (PINACOTECA, s/d). Foi o poeta Mário de Andrade quem apresentou a jovem artista para Segall e ambos estabeleceram um vínculo artístico e pessoal extremamente profícuo (MUSEU LASAR SEGALL, 1988). Segundo Maurício Segall, filho mais velho de Lasar, Lucy tinha total acesso ao ateliê de Segall (um privilégio dividido apenas com Jenny Klabin), onde pintavam juntos e trabalhavam na documentação pessoal do artista. Por sua educação cosmopolita, chegou a dar aulas de francês para o próprio Maurício. E apesar de Segall ser muito solicitado por jovens artistas, que buscavam inspiração na sua experiência, “aluna, mesmo, só a Lucy” (D’HORTA, 1984, p. 193).

A tela da CMEK (Fig. 2) foi pintada por volta de 1940, período em que Segall viajava constantemente para a cidade de Campos do Jordão. “Ali Segall descobre o similar brasileiro dos campos franceses e suíços que pintara alguns anos antes” (D’HORTA, 1984, p. 105), permitindo-se recuperar certas memórias da infância adormecidas. A cena mostra a jovem Lucy deitada em uma rede, de forma muito despojada. Com o corpo voltado para o lado direito, a moça apoia a cabeça com o braço direito, enquanto a mão esquerda encobre uma parte do queixo e da boca. Os olhos semicerrados acompanham o espírito bucólico da ambientação, tomado por um verde-escuro, meio opaco, que remete aos gramados de Campos do Jordão. A tela de Segall demonstra o caráter expressivo de sua fatura artística, um traço de sua atuação no grupo Nova Objetividade alemã, ao lado de artistas como Otto Dix e Max Pechstein (MIGLIACCIO, 2007).

No período em que trabalharam juntos, Segall pintou diversos retratos e esculpiu diversas peças com o rosto de Lucy. O Museu Lasar Segall, em São Paulo, guarda diversas dessas peças e desenhos de Lucy feitos por Segall, bem como farta documentação de ambos. Um desses retratos, intitulado *Retrato de Lucy I* (Fig. 3), mostra a artista absorvida no trabalho do ateliê. Impressiona a expressividade do seu rosto que, com olhar profundo e atento, como a observar o objeto a ser registrado, ocupa grande parte do quadro. A mão esquerda apoia-se na tela, da qual o espectador vê apenas a moldura lateral.



Figura 3

LASAR SEGALL (1891-1957)

Retrato de Lucy I, c. 1935

Óleo com areia sobre tela

São Paulo: Museu Lasar Segall – IPHAN/MinC (BR)

Lucy retornou para a Europa em 1947, ali permanecendo até falecer, em 2008. Em vida, expôs seu trabalho em diversas mostras no Brasil e na França, sendo amplamente citada pelo crítico argentino Romero Brest em sua obra *La Pintura Brasileña Contemporánea*, de 1945. A partir da década de 1980, sua obra é redescoberta no Brasil a partir de uma exposição individual no Museu Lasar Segall. Dessa mostra, destaquem-se duas obras de Lucy Citti Ferreira, ambas da década de 1970: *Pequeno Campo Florido* (Fig. 4) e *Caminho de Neve* (Fig. 5). São trabalhos em aquarela de intenso movimento, que apontam para um interessante entremeio de uma abstração e de uma figuração, ambas coexistindo de forma intencional. Com pouco esforço visual, pode-se perceber as flores do campo na primeira aquarela, assim como a trilha de neve branca na segunda, mas o que permanece das obras é a “essencialidade da mancha e suas transparências, como captação da luz e do mundo exterior” (MUSEU LASAR SEGALL, 1988, p. 9). Segundo o crítico Mário Barata, o que constitui a obra de Lucy Citti Ferreira é a “assimilação da contribuição do Velho Mundo” (MUSEU LASAR SEGALL, 1988, p. 6), seja o modernismo de Segall, seja o expediente vanguardista de outros artistas, como Wols.



Figura 4

LUCY CITTI FERREIRA (1911-2008)

Pequeno Campo Florido, c. 1970

Aquarela



Figura 5

LUCY CITTI FERREIRA (1911-2008)

Caminho de Neve, c. 1970

Aquarela

OUTRAS OBRAS DE LASAR SEGALL

Lucy na rede caracteriza uma etapa muito distinta da produção segallina, que passa pela década de 1940, durante a 2ª Guerra Mundial. A passagem por Campos do Jordão e o encontro com Lucy Citti Ferreira coincidem com a debandada da SPAM, acelerada pela adesão de uma parcela da burguesia paulistana ao movimento integralista de Plínio Salgado. Cria-se ali a ideia de um nacionalismo com viés reacionário, que se confunde com a defesa da tradição, da família e da propriedade. Logo, em defesa dessas ideias conservadoras, ataca-se aquilo que se considera uma interferência estrangeira em algo que deve ser o reflexo da identidade nacional, como a arte. Desiludido com essa guinada da sua esfera social, Segall se recolhe, “justamente no auge de sua criatividade e identificação com o ambiente brasileiro” (D’HORTA, 1984, p. 104).

Nesse contexto, é compreensível que Segall buscasse refúgio na companhia de Lucy e na paisagem campinense. É o que se percebe na tela *No mercado em Campos do Jordão* (Fig. 6), em exposição na Casa Museu Ema Klabin, em São Paulo. A composição ressalta a presença de três trabalhadores do campo, reunidos em roda, talvez conversando amistosamente. Percebe-se a presença de duas montarias de pequeno porte, quem sabe dois burros. Um deles, à esquerda, parece trazer no lombo um grande saco de pano, talvez o produto a ser vendido no mercado local. A cena pitoresca ressalta a natureza simples do interior paulista, um total contraste com o ambiente urbano da capital. Mais do que isso, demonstra o interesse de Segall por revelar, em sua tela, um “intenso significado humanista, um apelo ao caráter universal daquilo que está sendo contado (HOFFMANN, 2017, p. 174).



Figura 6

LASAR SEGALL (1891-1957)

No Mercado em Campos do Jordão, 1941

Óleo com areia sobre tela

São Paulo: Casa Museu Ema Klabin (BR)

A busca por esse significado humanista percorre Segall também em outra etapa desse período de produção, durante a 2ª Guerra Mundial. Suas obras mais famosas desses anos de guerra trazem temas ligados à morte, à destruição e ao sofrimento dos judeus perseguidos na Europa. Dessa coletânea de trabalhos, destacam-se *Pogrom* (Fig. 7) e *Navio de Imigrantes* (Fig. 8). O primeiro, cujo título alude aos primeiros campos de reclusão de judeus no antigo império russo, é um retrato pungente do extermínio programático orquestrado pelo nazifascismo, mostrando o amontoado de cadáveres, crianças inclusive, espalhados pelo chão. O segundo, de composição muito similar, mostra a situação desesperadora de quem é obrigado a deixar sua comunidade original, enfrentar o oceano rumo ao desconhecido. Mesmo quando procurava tranquilidade e quietude, Segall não ensurdecia com o que ocorria ao seu redor.

Figura 7

LASAR SEGALL (1891-1957)

Pogrom, c. 1937

Óleo com areia sobre tela

São Paulo: Museu Lasar Segall (BR)



Figura 8

LASAR SEGALL (1891-1957)

Navio de imigrantes, c. 1941

Óleo sobre tela

São Paulo: Museu Lasar Segall (BR)



BIBLIOGRAFIA

D'HORTA, Vera. *Lasar Segall e o modernismo paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PINACOTECA. *Lucy Citti Ferreira*. s/d. Disponível em <https://pinacoteca.org.br/programacao/lucy-citti-ferreira/>. Acessado em 13 de outubro de 2020.

MIGLIACCIO, Luciano. *A Coleção Eva Klabin*. Petrópolis: Kapa Editorial, 2007.

MUSEU LASAR SEGALL. *Lucy Citti Ferreira: sombras e luzes*. São Paulo: Museu Lasar Segall, 1988.

HOFFMANN, Ana Maria Pimenta. *Ema Klabin, colecionadora de arte moderna brasileira*. In: COSTA, Paulo de Freitas (org.). *A coleção Ema Klabin*. São Paulo: Fundação Cultural Ema Gordon Klabin, 2017.